

IMPACTO DEGRADAÇÃO JÁ DESTRUIU 40% DOS MANGUEZAIS

Mangues do Estado serão mapeados pelo Ibama

Pesquisa do Ibama deve começar no ano que vem e terá cinco anos de duração

IARA XAVIER

Metade dos manguezais da Grande Vitória foram destruídos. No resto do Estado, a realidade não é muito diferente e um estudo mostra que existem 60% das áreas originais de mangue. Entre os principais fatores para a destruição da flora e fauna desses berçários biológicos estão a pesca predatória e os aterros clandestinos.

Preocupados com essa realidade, membros do Ibama estão desenvolvendo um projeto que visa mapear e estudar os mangues do Espírito Santo. Os estudos estão previstos para começar em 2005, e só devem ser concluídos cinco anos depois.

que ser aprovado pelo Ministério do Meio Ambiente. E as verbas são escassas. Os empresários que quiserem ajudar a pesquisa, podem entrar em contato com o Ibama, no telefone 3324.1811, procurando por Fábio ou Iberê.



ÁREA. O bairro Nova Palestina, em Vitória, faz limite com o manguezal da Estação Ecológica do Lameirão. FOTO: CARLOS ALBERTO DA SILVA

Mangues do Estado serão
Ibama. A gazeta. Vitória,
12/11/04 p. 1, 2 e 3.

cinco anos depois.

No entanto, o coordenador da pesquisa, Iberê Sassi, acredita que em dois anos já seja possível obter dados para lançar uma boa proposta de gestão compartilhada da área de mangue no Estado.

“É necessário que todos se envolvam: estudiosos, cientistas, pescadores, catadores e população em geral, para que o processo de degradação possa ser revertido. E isso pode ser feito em grande parte dos casos”, disse.

Ele conta que, no processo de degradação, a área mais atingida foi o **apicum**, que

■ *Área salobra e arenosa do manguezal, que é raramente inundada. A água atinge esse local, no máximo, duas vezes por ano. Sua vegetação é bastante rasteira. As espécies maiores são pequenos arbustos, que crescem esporadicamente.*

hoje é praticamente inexistente. Era nela em que vivia o guaiamum, que está a caminho da extinção.

Além disso, a pesca predatória contribuiu muito para o desequilíbrio ambiental. As redes de arrasto capturam peixes pequenos, sem valor comercial. E no final, 70% de tudo o que é capturado nessas situações é jogado fora.

Por isso, espécies que eram abundantes há alguns anos são difíceis de serem encontradas hoje. Esse é o caso do tarpão, da ostra, do robalo e do mero.

Como na natureza um depende do outro, se uma espécie deixa de existir, o equilíbrio fica comprometido e acaba afetando o homem. É o que já está acontecendo na costa capixaba. O número de peixes está diminuindo, o que acaba comprometendo a vida de quem vive do mar.

Por isso Iberê acha tão importante estudar esses espaços. “Precisamos verificar o estado atual, fazer ligações com o passado, para que possamos estabelecer regras de comportamento futuro, que possibilitem o desenvolvimento sustentável”, revela.

Mas o projeto ainda terá